

## Trabalhadores mais velhos

são necessárias medidas para garantir o emprego

**2**

## Alvaro Bizzarri

o cineasta operário filmou a vida dos saisonniers

**3**

## Giovanni Giarrana

Um lutador incansável deixou-nos

**4**

Nr. 3 | Maio 2015 | português

Sai como suplemento do jornal «work» | Redacção T +41 31 350 21 11, F +41 31 350 22 11 | info@unia.ch | www.unia.ch T +41 31 350 21 11, F +41 31 350 22 11 | info@unia.ch | www.unia.ch

## CCNT, Manifestação

# Pela reforma antecipada e um melhor CCNT!



Os empregadores devem sentar-se à mesa para negociar o CCNT!

**O contrato colectivo nacional da construção (CCNT) expira no final deste ano. Os empregadores dão cada vez mais a entender que algumas conquistas, como a reforma antecipada, podem ser eliminadas ou pioradas. Mas o trabalho na construção é duro e os trabalhadores merecem boas condições laborais e o direito à reforma antecipada. Por isso, no dia 27 de Junho vamos todos a Zurique lutar por um CCNT melhor!**

O CCNT é considerado como um dos contratos colectivos de trabalho mais avançados e é um modelo para outros. Ele tornou possível a introdução da reforma antecipada para os trabalhadores da construção. Ele estipula, entre outras coisas, salários mínimos, mais férias do que as previstas pela lei, bem como a continuação do pagamento salarial em caso de doença. Mas também este CCT não foi simplesmente oferecido pelos empregadores aos empregados. Os trabalhadores da construção tiveram de lutar por estas disposições legais:

inesquecível mantém-se a grande manifestação pelo FAR (reforma antecipada) ou as muitas greves que, no decorrer dos anos, aumentaram a pressão sobre os empregadores e mostraram que, sem nós, nada funciona!

### Pressão sobre os trabalhadores da construção

O CCNT é um bom CCT, mas para que ele o continue a ser tem de se ir adaptando às circunstâncias actuais. E a realidade na construção tem vindo a alterar-se nos últimos anos. Hoje há nas obras cada vez menos traba-

lhadores que têm de fazer cada vez mais trabalho num curtíssimo prazo de tempo. A pressão para cumprir os prazos é enorme. E isto tem consequências preocupantes: o número de acidentes nas obras tem vindo a aumentar!

### Protejamos os trabalhadores da construção!

Outra causa do aumento do número de acidentes é o facto de os trabalhadores da construção terem de trabalhar mesmo sob mau tempo. Devido à pressão para cumprir os prazos, trabalha-se quer chova quer neve. Por isso, os artigos do CCNT relativos ao mau tempo têm de ser, sem falta, melhorados. São necessárias linhas claras sobre quando é que nas obras se pode parar o trabalho em caso de mau tempo.

### Não mexam no FAR!

Incrível é que os empregadores já queiram a reforma antecipada aos 60 anos! Com a desculpa de que há muitos trabalhadores que vão se aposentar e que o FAR está demasiado sobrecarregado, querem aumentar a idade da reforma antecipada. As finanças do FAR são sólidas, mas há uma necessidade provisória de mais dinheiro por causa das muitas aposentações previstas para os próximos tempos. Mas isso é um problema temporário, depois de alguns anos o número de aposentações voltará a diminuir. A solução do problema

não é, assim, o aumento da idade da reforma! Não são os trabalhadores que têm de sofrer as consequências. Queremos encontrar boas soluções, mas os empregadores recusam-se a discutir a questão. Nós queremos que os trabalhadores continuem a poder reformar-se com dignidade aos 60 anos – e não depois de terem ficado inválidos ou desempregados.

### Todos à manifestação!

Por isso temos de dar um sinal de força no dia 27 de Junho. Não deixemos que nos tirem a reforma antecipada, para a qual lutámos duramente. Queremos melhores condições de trabalho numa época em que se trabalha cada vez mais e mais depressa! Venham todos a Zurique. Nós dizemos: mais protecção e deixem a reforma antecipada em paz! O CCNT é importante para os trabalhadores da construção e para todos os trabalhadores!

Aurora García

Concentração no Limmatquai/Central em Zurique, de onde avançaremos às 12h30. Informem-se na vossa região a que horas partem os comboios ou autocarros especiais e inscrevam-se para participar!  
**A 27 de Junho todos a Zurique para a manifestação da construção!**

## Editorial



### Lutar juntos por um melhor contrato e a reforma aos 60 anos

Neste ano, muito está em causa para os trabalhadores da construção: o CCNT só é válido até ao final do ano. Sem o contrato não há salários mínimos na construção, o 13º mês não está garantido e haverá mudanças na continuação do pagamento salarial em caso de doença. E há outros problemas que temos de resolver com o novo contrato.

Em primeiro lugar, os trabalhadores da construção necessitam de mais protecção em caso de mau tempo. Os acidentes de trabalho continuam a atingir cada quinto trabalhador. Por causa da pressão para terminar as obras, trabalha-se à chuva ou com neve. Isto tem mudar.

Em segundo lugar, são necessárias medidas eficazes contra o dumping salarial. É uma pouca vergonha que haja colegas a trabalhar no duro por alguns poucos francos à hora. E isso faz pressão sobre todos os salários. Em terceiro lugar, este ano temos de defender a reforma aos 60 anos. Nos próximos anos muitos trabalhadores passarão para a reforma. Uma parte dos empregadores quer utilizar esta desculpa para aumentar a idade da reforma. A assembleia dos trabalhadores da construção do Unia disse claramente: Isso nem pensar! Os trabalhadores vão lutar pela reforma aos 60 anos. Aqueles que já descontaram durante anos para a reforma aos 60 não podem agora ser obrigados a trabalhar até mais tarde.

Este ano os trabalhadores terão de lutar pelo CCNT e pela reforma aos 60 anos, juntamente com o Unia. Se lutarmos juntos, os chefes não têm hipóteses. Porque eles necessitam dos trabalhadores, sobretudo dos que vêm doutros países, para trabalhar nas obras. Por isso: participa na luta – juntos somos fortes!

Nico Lutz

Director do sector da construção do sindicato Unia



27 de Junho: todos a Zurique à manifestação!

## Notícias breves

### Empresas de trabalho temporário: renovação de CCT

A 6 de Maio passado a associação patronal Swisstaffing aprovou o novo contrato colectivo de trabalho para as empresas de trabalho temporário, depois das associações de trabalhadores já o terem feito. O novo CCT é válido por três anos a partir de Abril de 2016. Ele prevê um aumento gradual do salário mínimo na Suíça alemã e francesa. O aumento será de 400 francos ao mês para trabalhadores sem formação profissional e 250 francos para os que têm formação profissional. Em contrapartida, haverá uma ligeira flexibilização do número de horas de trabalho. O número máximo de horas sem suplementos passa de 9 para 9,5.

### Syngenta elimina 116 postos de trabalho

Syngenta vai de vento em popa: no ano passado teve um lucro de 1,5 mil milhões de francos e os salários dos executivos tiveram o fabuloso aumento de 60%. No entanto, em Monthey deverão ser eliminados 116 postos de trabalho. O sindicato Unia exigiu que Syngenta desistisse destes planos e em vez disso procurasse alternativas. Se se mantiver a intenção de reestruturar a empresa, o Unia exige que não haja despedimentos, antes que os trabalhadores sejam colocados noutros sectores da empresa.

### Manifesto por bons cuidados e assistência



Por ocasião do Dia Internacional do Enfermeiro, a 12 de Maio, o Unia publicou um manifesto por bons cuidados e assistência. Em vez da optimização dos custos, o que deve voltar a estar no centro dos cuidados e assistência é o bem-estar das pessoas. O manifesto será agora submetido a uma ampla consulta. Todas as pessoas interessadas são convidadas a, até fins de Setembro, exprimir a sua opinião. O manifesto foi distribuído em vários sítios na Suíça no dia 12 de Maio e o pessoal de cuidados e assistência foi convidado a participar.

### Trabalhadores mais velhos

## Queremos medidas já!

A União de Sindicatos Suíços (USS) apresentou em meados de Abril um pacote de medidas que visam garantir o emprego de trabalhadores mais velhos. Uma semana depois veio a resposta da Federação, dos cantões e parceiros sociais. As medidas sugeridas pela Federação são bem-vindas pela USS, mas são insuficientes.

O desemprego de trabalhadores dos 55 aos 65 anos atingiu um nível recorde. Os problemas são mais do que conhecidos: os trabalhadores mais velhos são despedidos com mais frequência e têm mais dificuldades em voltar a encontrar emprego. Dantes, muitos casos de desemprego podiam ser evitados através da reforma antecipada ou do seguro de invalidez. Isto hoje já não é possível devido aos problemas financeiros das caixas de pensões e à regulamentação restritiva do seguro de invalidez. Consequência: há cada vez mais trabalhadores com mais de 55 anos que ficam desempregados, acabam por perder o direito ao subsídio de desemprego e ficam assim dependentes da ajuda social.

#### Proposta da USS

Como é que a situação de trabalhadores mais velhos pode ser melhorada? Em Abril passado a USS apresentou a sua proposta de medidas. Por um lado, a USS exige que trabalhadores de idade superior a 55 anos tenham direito a formação contínua e a formação para reconversão profissional, especialmente se estiverem desempregados. A protecção da saúde de trabalhadores mais velhos tem de ser melhorada. São necessários, por exemplo, melhores controlos das me-

didias de protecção de saúde e locais de trabalho adequados a trabalhadores mais velhos. Também é importante aumentar a protecção contra a perda de salário em caso de doença.

#### Protecção

Uma outra reivindicação importante é uma melhor protecção contra o despedimento para trabalhadores com mais de 50 anos que já estejam há vários anos na empresa, como é, por exemplo, previsto pelo CCT da indústria química de Basileia. E é importante prolongar os pré-avisos de despedimento. Além disso, seria importante a introdução de uma proibição de discriminação como sugere a OECD, sobretudo para pessoas à procura de emprego e em relação à formação, posição na empresa ou ao salário.

#### Segurança social

Se o desemprego for inevitável, é importante que sejam aplicadas várias medidas. O número de dias de subsídio diário de desemprego deve ser aumentado, quatro anos antes da reforma, de 120 para 260. Além disso, deve ser possível que os trabalhadores continuem na caixa de pensões do antigo empregador. A reforma antecipada deve ser possível em mais



É preciso garantir o emprego de trabalhadores mais velhos!

ramos. A Federação deve apoiar financeiramente e tornar possíveis soluções específicas para cada ramo, tal como acontece na construção.

#### Primeiras medidas insuficientes

A Federação, os cantões e os parceiros sociais discutiram a situação dos assalariados mais velhos e acordaram as primeiras medidas contra a situação. Isso é positivo. Infelizmente os resultados ficaram muito aquém daquilo que a USS exigiu publicamente. De qualquer forma, a conferência marcou o início de um processo. A USS

saída sobretudo o compromisso dos empregadores de publicarem anúncios de emprego sem restrições de idade, a disponibilidade para serem analisados os problemas de segurança social dos empregados mais velhos e para se procurar soluções adequadas. Além disso, vão na direcção certa as medidas previstas em relação à formação e à formação contínua, tal como a disponibilidade dos cantões para analisar a hipótese de abertura de centros de informação para trabalhadores mais velhos e para desempregados.

© Aurora García

### Franco forte

## Lutar contra despedimentos e reduções salariais!

O franco forte já fez as primeiras vítimas: só no ramo MEM desapareceram cerca de 2000 postos de trabalho. O Unia continua a exigir do Banco Nacional Suíço (BNS) que este volte a introduzir uma taxa de câmbio mínima. Entretanto, alguns exemplos mostram que vale a pena lutar!

Nos últimos meses temos vindo a ouvir que as empresas, com a desculpa do franco forte, despedem trabalhadores de longa data e reduzem os salários ou aumentam as horas de trabalho. No sector da indústria, sobretudo, não são raros os casos de encerramento de empresas e mudança para o estrangeiro.

#### Lutas e sucessos em Genebra

Reduções salariais, salários em euros e aumento das horas de trabalho são ilegais. Contra isso os trabalhadores têm de lutar juntos. Foi o que fi-



zeram os empregados da Mecalp Technology em Meyrin, perto de Genebra. A empresa queria reduzir 10% dos salários e aumentar as horas de trabalho. Além disso, três trabalhadores foram despedidos sem pré-aviso porque se recusaram a assinar a alteração ao contrato. Como reacção, todos os trabalhadores do turno da manhã entraram em greve, sendo depois seguidos por uma grande parte dos colegas do turno da tarde. Depois disso, a direcção da empresa recuou nas medidas e um acordo foi negociado.

sa recuou na decisão de introduzir reduções salariais. Antes disso, houve um conflito laboral na empresa de peças de metal, SMB SA. Neste caso, a direcção decidiu prolongar as horas de trabalho sem qualquer compensação, o que os trabalhadores recusaram. De seguida, foram despedidos três trabalhadores, entre os quais o presidente da comissão de pessoal, que trabalhava há 15 anos na empresa. Depois de uma greve de todo o pessoal, a direcção retirou os planos de redução.

#### Exigências à política

No caso de um outro conflito no Ticino, na empresa produtora de materiais de plástico, Exten SA, estavam previstas grandes reduções salariais em Fevereiro. O pessoal fez greve durante um semana. Após a intervenção da conselheira Laura Sadis, membro do governo cantonal, foi iniciado um processo de mediação. Os responsáveis políticos têm de tomar medidas. Não só têm de exigir do BNS a reintrodução duma taxa de câmbio mínima para o franco, mas também que as pequenas e médias empresas que entram em dificuldades financeiras devido ao franco forte sejam apoiadas através de um fundo especial de apoio. Nos cantões de Genebra e Vaud esse tipo de fundos já está a ser planeado ou aplicado.

© Aurora García



As medidas do BNS destroem postos de trabalho. Isso tem de mudar!

Votações federais

# Por mais justiça!

No dia 14 de Junho terão lugar as próximas votações federais. Votadas serão duas iniciativas e duas alterações de leis. A União de Sindicatos Suíços (USS) recomenda um «sim» em três casos: SIM à Iniciativa sobre as bolsas de estudo, SIM à Iniciativa do imposto sobre heranças e SIM à nova lei de rádio e televisão (RTVG).

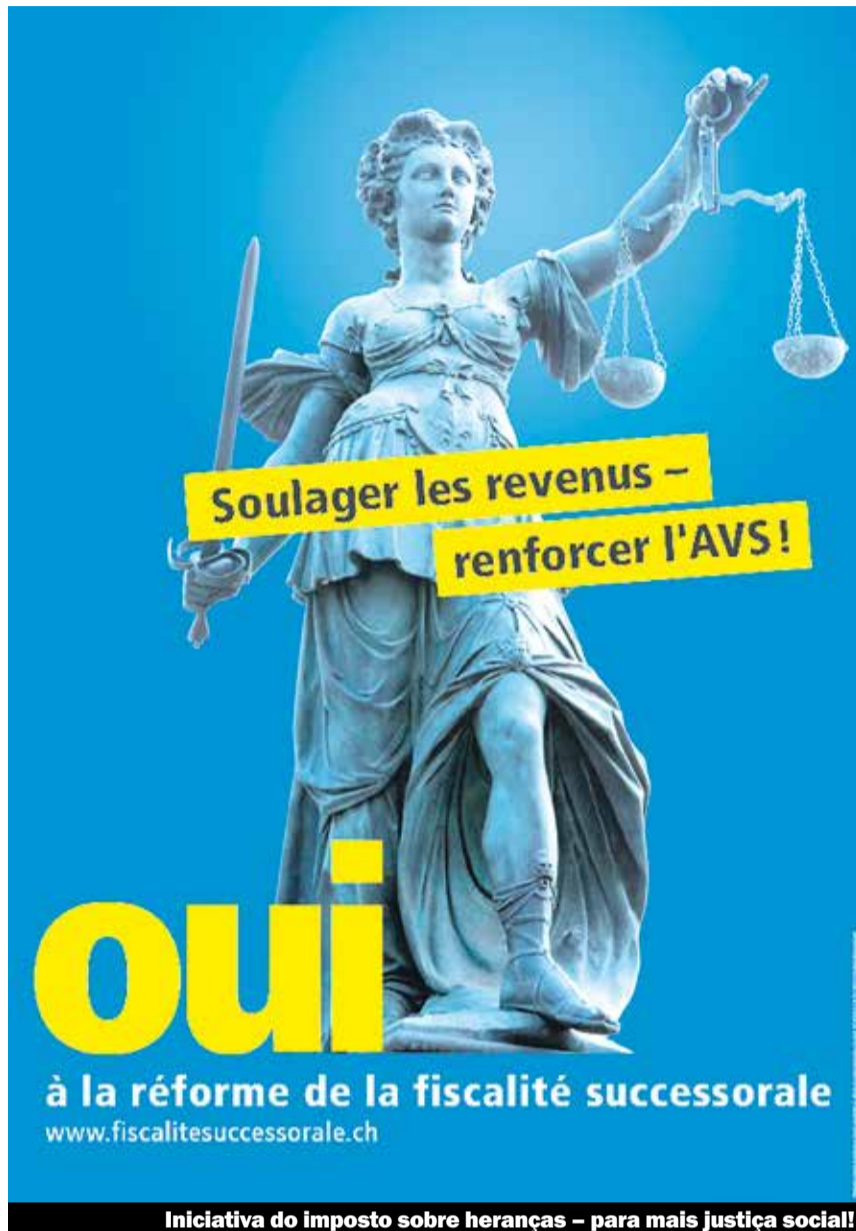
A nova RTVG baixaria a taxa de rádio e televisão de actualmente 462.– para 400.– francos. Isto porque, a partir de agora, todos têm de pagar as taxas da Billag. Graças às novas tecnologias, o acesso à rádio e à televisão passou a ser mais fácil. E graças às taxas temos uma oferta variada e multilingue. Isso é uma importante componente da responsabilidade do serviço público, especialmente na Suíça, com as suas muitas línguas.

**Formação para todos!**

A Iniciativa sobre as bolsas de estudo tem como objectivo possibilitar o financiamento da formação a mais pessoas. As bolsas deverão ser harmonizadas a nível nacional – actualmente a prática é diferente de cantão para cantão, cada um decide quanto dá a quem – e deverão ser acessíveis a todos, não só para estudos universitários, mas também para a formação profissional superior, bem como para a formação profissional intermédia. Por isso, recomendamos um SIM!

**Os ricos também devem pagar!**

2% dos contribuintes possuem tanta riqueza como todos os outros 98%. E



porque na Suíça as imensas riquezas são passadas às gerações seguintes sem que estas paguem impostos, a concentração de riqueza aumenta sem parar. A Iniciativa do imposto sobre heranças prevê que quem herdar mais de dois milhões pague

um imposto de 20%, sendo que 2/3 reverterão a favor da AHV/AVS e 1/3 será para os cantões. Se os votantes aceitarem a iniciativa, será um pequeno passo a caminho de mais justiça social.

☞ Aurora García

TISA, Liberalização de serviços

# TISA ou água só para alguns

**TISA (Trade in Services Agreement) é um acordo comercial que tem por objectivo abrir todos os serviços públicos ao mercado global. Já há muito que 20 países, incluindo a Suíça, vêm negociando este acordo à porta fechada. Sob a capa de uma mais fácil troca de serviços, os países estão a negociar um acordo que serve os interesses de grandes empresas multinacionais. A oposição ao acordo é importante!**

Negociações secretas? Sim, os estados que participam nas negociações quase não deixam vir informações a público. A Organização Mundial de Comércio (OMC) está excluída das negociações. O objectivo é, com certeza, excluir os países mais pobres que se poderão opor ao acordo.

**Água só para alguns?**

O que significa TISA? Significa a liberalização irrevogável de todos os serviços que não forem expressamente excluídos desde o início. Um dos pontos mais importantes de TISA é, justamente, a lista de serviços que não serão abertos ao mercado. Tudo o que não está nessa lista será obrigatoriamente liberalizado, mesmo aquilo que ainda não se conhece e por isso não pode ser excluído: uma nova fonte de energia ou novas tecnologias, por exemplo. Graças à cláusula «Ratchet», incluída no acordo, depois da abertura ao mercado, não se poderá voltar atrás. O acesso à água ou à electricidade, bem como muitos outros serviços essenciais, serão liberalizados e privatizados para sempre. A introdução de uma



caixa de saúde pública, por exemplo, seria interdita.

**Assinar a petição!**

Há alguma oposição ao acordo e é necessário que ela continue a crescer. Na Suíça, já houve moções em parlamentos de muitas localidades para que estas sejam zonas livres de TISA. Quanto maior for a oposição, maiores serão as hipóteses de que TISA naufrague. Assine, por isso, você também a petição online em: <http://stop-tisa.ch>. Oposição na UE a este e outros acordos em: <https://stop-ttip.org>.

☞ Aurora García



Entrevista



Alvaro Bizzari

## «Com cinema contra a injustiça»

**Alvaro Bizzari realizou nos anos 70 e 80 filmes sobre a vida dos saisonniers na Suíça. Horizonte falou com ele em Biena, no âmbito da exposição «Barracas, xenofobia e crianças escondidas – Por isso não pode voltar a haver o estatuto de saisonnier na Suíça».**

**Alvaro Bizzari, como veio para a Suíça?**

Sou italiano, da zona de Pistoia, Toscana. Quando tinha 18 anos tivemos problemas com a loja da família. O meu pai disse-me: «Tenho um amigo na Suíça, ele ganha bem. Se formos os dois trabalhar lá uns meses, resolvemos os problemas». Foi assim que vim trabalhar para Zurzach, Cantão de Argóvia, e me tornei soldador.

Aprendi alemão e francês – eu queria comunicar com as pessoas. Vi que nós estrangeiros éramos tratados de maneira diferente, por isso queria comunicar com os suíços.

**O que era diferente?**

Tínhamos outros salários, outras condições de vida! Havia barracas para os estrangeiros, crianças que não tinham o direito de viver com os pais, que eram expulsas do país. Isso eu achava repugnante! Por isso, queria ser realizador e fazer um filme sobre a vida dos trabalhadores estrangeiros.

**E conseguiu. Como é que aprendeu a fazer filmes?**

Fazendo-os! No início não sabia nada, nem lidar com uma máquina fotográfica. Mas eu passava todos os dias por uma loja de artigos de fotografia, Foto Kühni, olhava para as máquinas e pensava: «Com estas máquinas pode-se contar coisas». Consegui emprego nessa loja. Eu falava alemão, francês, italiano, tinha experiência das vendas. Era jovem e tinha uma enorme vontade de aprender. Quando o dono da loja viu a minha paixão pelas câmaras, passou a emprestar-me uma todos os fins-de-semana para eu poder treinar. Foi com essa máquina, aos fins-de-semana, que fiz o meu primeiro filme «Il Treno del Sud».

**Mas como sabia o que devia filmar?**

Observando. Aprendi a parte técnica lendo as instruções dos aparelhos e num curso. Mas uma coisa é a técnica, outra é fazer um filme. Isso veio da observação. Eu tinha um projecto – contar a esperança dos trabalhadores que fazem trabalhos perigosos. Eram sempre italianos. E assim tomei consciência que os trabalhadores estrangeiros eram discriminados.

**Onde ia buscar as ideias para as histórias?**

À vida real. Eu conhecia muitas pessoas e as suas histórias. Venho de uma família mais ou menos bem situada. Mas conhecia o desemprego, a pobreza, a luta dos trabalhadores em Pistoia. Isso sensibilizou-se para o que é a injustiça. Por isso, era para mim importante mostrar a vida dos saisonniers. Eu escrevia as histórias. Os actores eram amadores, pessoas que viviam aquela realidade. «Lo Stagionale» trata dos filhos dos saisonniers, que não podiam viver na Suíça e ficavam escondidos em casa. Os saisonniers sabiam que a família não podia viver com eles. Mas muitos tinham saudades ou não tinham outra solução. Então traziam a família apesar dos riscos. O filme mostra a realidade: quase todos os dias eram expulsas crianças da Suíça. Mesmo assim, notei depois, «Lo Stagionale» dava uma imagem positiva da vida dos saisonniers – a maioria deles não tinha sequer a possibilidade de arranjar um apartamento como no filme. Por isso tive de fazer «Il Rovescio della Medaglia». É um documentário sobre as péssimas condições de vida nas barracas.

**Como foram as reacções aos seus filmes?**

«Lo Stagionale» passou em muitos festivais de cinema. Muitas pessoas ficaram admiradas, pensavam que as barracas eram para materiais da construção, não imaginavam que viviam lá pessoas. Quando «Il Rovescio della Medaglia» passou na televisão, os empregadores tentaram parar a emissão. Depois tentaram pressionar-me para eu alterar coisas nos filmes. Não o fiz! Mas tudo isso de pouco serviu. O estatuto de saisonnier só foi abolido em 2002!

**Agora faz filmes sobre os refugiados que tentam chegar à Europa?**

Não. O que se passa hoje no Mediterrâneo é do conhecimento de todos. Naquela época não, as pessoas não sabiam de nada. Eu queria mostrar, dar a conhecer as condições de vida e trabalho dos estrangeiros. Queria denunciar a injustiça. Mas agora – o que poderia eu mostrar que não se conheça já?

☞ Marília Mendes

Globalização

# Iniciativa popular por multinacionais responsáveis

No passado mês de Abril uma aliança de organizações de cooperação, ambientais, sindicais e de direitos humanos, entre elas o Unia, lançou a «Iniciativa por multinacionais responsáveis». A iniciativa tem por objectivo a aprovação de uma lei que obrigue as multinacionais suíças a respeitar, no conjunto das suas actividades económicas, isto é, também no estrangeiro, os direitos humanos e as mesmas normas ambientais que têm de respeitar na Suíça.

Condições de trabalho deploráveis em fábricas têxteis, trabalho infantil na produção de cacau em África, emissões letais de dióxido de enxofre na Zâmbia: as empresas suíças também estão implicadas nestes escândalos. A Suíça é a vigésima potência económica mundial. Segundo um estudo recente da Universidade de Maastricht, a Suíça ocupa o nono lugar dos países com mais violações de direitos humanos cometidas por empresas sediadas no país. Apesar destes casos serem regularmente notícia na comunicação social, o Conselho Federal e o Parlamento negam-se a adoptar medidas que ponham fim à situação.

## A iniciativa imporia o dever de diligência

A pressão pública é necessária para que sejam impostas regras vinculativas que obriguem as multinacionais a respeitar no estrangeiro os direitos

humanos e as normas ambientais. Por isso, a coligação de organizações lançou a iniciativa. O texto desta é inspirado nos Princípios da ONU relativos às empresas e ao respeito pelos direitos humanos, adoptados em 2011, e obriga as empresas sediadas na Suíça a respeitar o dever de diligência em matéria de direitos humanos e normas ambientais. Se a iniciativa for aprovada, o novo artigo 101a da Constituição obrigará as empresas a examinarem o conjunto das suas relações comerciais, a fim de identificarem riscos potenciais e medidas a tomar.

## Competência dos tribunais suíços

Para garantir que todas as empresas cumprem o dever de diligência, as multinacionais sediadas na Suíça teriam de responder ante os tribunais suíços em caso de violações dos direitos humanos ou das normas ambien-



tais pelas suas empresas subsidiárias. As multinacionais teriam de provar que tinham cumprido o dever de diligência e adoptado todas as medidas necessárias. Seria um importante passo para uma actuação correcta.

## Importante para a reputação da Suíça

Para Cornelio Sommaruga, presidente honorário do Comité Internacional da Cruz Vermelha e membro do comité da iniciativa, esta seria fundamental: «Como terra que acolhe organizações humanitárias e numerosas multinacionais, a Suíça tem um papel importante. É primordial para a reputação do país que as empresas assumam as suas responsabilidades.»

Montaña Martín

Informação detalhada em [www.iniziativa-multinazionali.ch](http://www.iniziativa-multinazionali.ch).



... por condições laborais ...

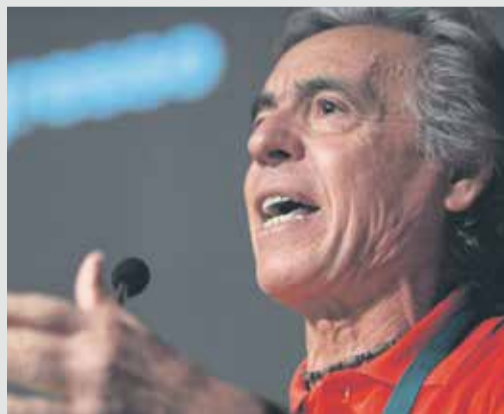


... mais éticas.

# Giovanni Giarrana Activista quase indestructível

«É melhor morrer a lutar do que na cama.» Este era o lema do nosso companheiro e amigo Giovanni Giarrana. Agora ele perdeu a sua última batalha, a batalha contra a doença. Giovanni Giarrana irradiava energia. Vestido com a sua polo vermelha, era incansável a sua vontade de mudar o mundo.

A sua primeira greve foi na Sicília. Na escola de formação de polimecânicos faltavam ferramentas. Depois de três dias de sublevação, as ferramentas apareceram. Ele ficou a saber que quem protesta consegue algo, mas pode sofrer consequências: em vez da nota 9, só teve um 7. Mas isso nunca foi motivo para ele deixar de lutar.



## Migração: tema da sua vida

Giarrana foi presidente da comissão de migração do sindicato SMUV/FTMH e era agora co-presidente da comissão de migração do Unia. Migração era o tema da sua vida. Ele próprio viveu na pele o que era ser migrante: as atitudes de rejeição na fronteira suíça em Chiasso, a humilhação do controle sanitário, oito anos de vida numa barraca, a discriminação no local de trabalho e na procura de apartamento. Mas isso não o desmotivou, pelo contrário, ele ainda ficou mais convencido que tinha de se empenhar por mais justiça.

## Vida de protesto

Giarrana trabalhou muitos anos para Escher-Wyss. Até que um dia abriu demasiado a boca: foi despedido depois de ter dito a sua opinião ao director da multinacional, que queria despedir duzentas pessoas. Mas alguém como ele não se deixa vencer. Arranjou outro emprego e aí ficou até à sua aposentação em 2009. Depois, em vez de descansar, Giovanni empreendeu uma espectacular acção: uma marcha de 2500 km a pé até à sua aldeia natal na Sicília. Uma marcha de protesto, naturalmente. Contra a guerra, por paz e solidariedade.

## A luta continua

Aos 70 anos, Giovanni Giarrana ainda tinha muitos outros protestos pela frente e muita energia para os empreender. A sua actual luta era contra o

isolamento e a xenofobia na Suíça. Giovanni Giarrana, o lutador incansável, tão capaz de se bater pelos seus princípios como de criar pontes entre as pessoas, feroz no combate, mas ao mesmo tempo personificação da alegria de vida e da solidariedade, perdeu a sua batalha contra a doença. Faleceu no dia 16 de Maio, dia da conferência da «sua» comissão de migração, de que era co-presidente. Ele deixou-nos um exemplo e uma mensagem: pediu-nos para não baixarmos os braços, para continuarmos a demanda de um mundo justo e solidário.

Marília Mendes

# Pergunte, que nós respondemos



## Falência:

### Como é que posso receber o meu salário?

**Nos últimos oito anos tenho trabalhado como capataz numa empresa de construção. Agora a empresa entrou em falência e eu não recebi o salário dos dois últimos meses. Há formas de eu receber o meu dinheiro?**

**Sim.** Como assalariado, o senhor não está segurado só para o caso de desemprego, mas também para o caso de insolvência do seu empregador. Por isso, pode requerer uma «indenização por insolvência» ao Fundo de Desemprego cantonal. Quando a empresa deixa de poder pagar os salários, os empregados têm direito a esta indemnização. Ela é, mais precisamente, para os últimos quatro meses antes da abertura do processo de falência e vai actualmente até ao valor máximo de 10 500 francos ao mês.

O senhor tem de fazer valer os seus direitos até 60 dias após a abertura do processo de falência. O Centro de Emprego Regional (RAV/ORP) da sua zona de residência pode dar-lhe mais informações. O Fundo de Desemprego pagará-lhe o salário em falta e exigirá o valor em causa directamente à Secretaria de Falências. A sua reivindicação salarial passa para o Fundo de Desemprego. O risco de que a sua reivindicação não tenha cobertura em caso de falência do empregador passa assim para o Fundo de Desemprego. O senhor recebe o salário em falta seja qual for o caso.

Markus Widmer, work, 1.4.2015

## Execução de dívidas:

### Quem paga a abertura do processo de falência?

**Trabalho na contabilidade de uma loja de produtos sanitários. Não recebo salário há quatro meses. Apresentei por isso queixa no Tribunal de Trabalho e este deu-me razão. Agora informei-me junto da Secretaria de Falências sobre como proceder a seguir. Disseram-me que eu poderia abrir uma acção judicial de execução de dívida contra a minha empresa. Se eu, mesmo assim, não receber o dinheiro, terei de requerer a abertura de um processo de falência junto do tribunal competente. Deram-me, além disso, a informação de que o tribunal exigiria que eu pagasse cerca de 2500 francos antes da abertura do processo de falência. Mas eu não tenho esse dinheiro. O é que, apesar disso, posso fazer para receber o meu dinheiro?**

A informação da Secretaria de Falências está correcta. Como credor do seu empregador, tem de assumir os custos de uma eventual abertura de um processo de falência. No entanto, tem a possibilidade de requerer o chamado apoio judiciário gratuito. Isto significa que não terá de assumir nem os custos judiciais nem o adiantamento. Assim, antes de requerer o processo de falência, deve, sem falta, entrar em contacto com o tribunal e apresentar um requerimento de apoio judiciário. Se este for aprovado, não precisa de pagar o adiantamento de 2500 francos. Seja como for: avance com rapidez! Não pode esperar muito tempo para requerer a abertura do processo de falência, senão corre o risco de perder os seus direitos. Encontra mais informações na brochura «Insolvenzschädigung/Indemnité en cas d'insolvabilité» (Indemnização em caso de insolvência).

Pode obtê-la em: [www.espace-emploi.ch/publikationen/broschueren/](http://www.espace-emploi.ch/publikationen/broschueren/).

Markus Widmer, work, 1.4.2015

Impressum: Beilage zu den Gewerkschaftszeitungen work, area, Événement syndical | Herausgeber work, Gewerkschaft Unia, Chefredaktion: Marie-José Kuhn; Événement syndical SA, Lausanne, Chefredaktion: Sylviane Herranz; Edizioni Sociali SA, Lugano, Chefredaktion: Claudio Carrer | Redaktionskommission A. García, D. Filipovic, E. Sariaslan, M. Martin, M. Mendes, O. Osmani | Sprachverantwortlich Marília Mendes | Layout C. Lonati, Unia | Druck NZZ Print, Zürcherstrasse 39, 8952 Schlieren | Adresse Unia Redaktion «Horizonte», Weltpoststrasse 20, 3000 Bern 15, marilia.mendes@unia.ch



Die Gewerkschaft.  
Le Syndicat.  
Il Sindacato.

[www.unia.ch](http://www.unia.ch)